

Silvia Aparecida Izzo

DESCOBRINDO A BELEZA A PARTIR DA DIFERENÇA

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Faculdade de Educação Física
Campinas
2005

Silvia Aparecida Izzo



DESCOBRINDO A BELEZA A PARTIR DA DIFERENÇA

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação
Física para obtenção do
título de especialista em
Atividade Motora Adaptada
Modalidade Extensão sob a
orientação do Professor Dr.
Edson Duarte, como trabalho
de conclusão de curso.

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Faculdade de Educação Física
Campinas - SP
2005

AGRADECIMENTOS

A minha família, por acreditar e ajudar na realização de sonhos.

Aos professores do curso de Atividade Motora Adaptada, por me ensinarem a ultrapassar muitos obstáculos.

Aos amigos que contribuíram muito. Seja indicando caminhos, emprestando livros, doando tempo, ou oferecendo o ombro.

As meninas, com quem trabalho, por me ensinar os diferentes caminhos de ser bela.

Ao meu namorado, pelo carinho e por sua grande dose de paciência.

E aquelas pessoas que com seu toque único de beleza, me ensinaram a ultrapassar minhas próprias barreiras.

*"Nosso medo mais profundo não é o de sermos inadequados.
Nosso medo mais profundo é o de sermos poderosos além de qualquer medida.
É nossa Luz e não nossas trevas o que mais nos apavora.
Perguntemos a nós mesmos:
Quem sou eu para ser brilhante, deslumbrante, talentoso, fabuloso?
Na verdade, quem é você para não ser?
Você é um filho do Universo,
seu brincar de ser pequeno não serve para o mundo...
Não há iluminação em se encolher,
Para que os outros não se sintam inseguros quando estão perto de você.
Nós nascemos para manifestar a glória do universo que está em nós.
E ela não está apenas em alguns de nós, está em todos nós.
E conforme deixamos nossa própria luz brilhar,
Inconscientemente damos as outras pessoas permissão para fazer o mesmo.
E conforme nos libertamos do nosso medo,
Nossa presença, automaticamente, liberta os outros".*

Nelson Mandela

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
METODOLOGIA	11
CAPÍTULO I – Estética, história e conceitos	12
CAPÍTULO II – Corpo, percepção pessoal e cultural	31
CAPÍTULO III – Refletindo a diferença e a diferença refletindo sobre nós	46
CAPÍTULO IV – O prazer de ser eu mesmo	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
BIBLIOGRAFIA	69
BIBLIOGRAFIA DE APOIO	72

RESUMO

Numa época que se fala massivamente do culto ao corpo, devemos repensar o surgimento de problemas e preocupações em relação a aparência física outrora inexistentes. Muitas formas de controle sobre a estética do corpo criadas pelas técnicas e processos científicos, como as cirurgias plásticas ocorrem paralelamente a novas coações a serem vividas, as quais apresentam novas zonas de descontrolo, sendo insuficientes para a identidade entre o indivíduo e seu corpo. Padrões de perfeição e beleza referem-se diretamente na identidade do ser humano, e o fracasso em manter essas normas tem um efeito direto na integridade pessoal, gerando pessoas menos limitadas pelas suas dificuldades que pela atitude social em relação à sua aparência. Vamos levar essa discussão então para a realidade de uma pessoa portadora de deficiência. De uma forma geral encara-se a deficiência como um limite para a expansão e ação pessoal, o que leva como consequência social à segregação deste indivíduo. Dessa forma as pessoas são menos limitadas pela deficiência que pela atitude social em relação a ela. Este trabalho procura contextualizar a beleza e seus conceitos com o que se entende por diferença, característica da deficiência. Fizemos uma revisão de literatura baseada em livros e artigos científicos e apresentamos nossas considerações a respeito do tema.

Palavras-chave: Beleza / Estética; Diferença / Deficiência; Estigma.

ABSTRACT

At a time that if speaks of the cult to the body frequently, we must rethink the sprouting of problems and concerns in long ago inexistent relation the physical appearance. Many forms of control on the aesthetic one of the body created by the techniques and scientific processes, as the plastic surgeries occur the new coercions parallel to be lived, which present new zones of uncontrol, being insufficient for the identity between person and his body. Standards of perfection and beauty are mentioned directly in the identity of the human being, and the failure in keeping these norms has a direct effect in the personal integrity, generating people less limited by its difficulties that for the social attitude in relation to its appearance. We go to take this quarrel then for the reality of a carrying person of deficiency. Of one deficiency forms generality is faced it as a limit for the expansion and personal action, what it leads as social consequence to the segregation of this person. Of this form the people less are limited by the deficiency that for the social attitude in relation it. This work looks the contex of the beauty and its concepts with what it is understood for difference, characteristic of the deficiency. We made a revision of literature based on scientific books and articles and present our reflections about the subject.

Key words: Beauty/Aestheticio; Difference/Deficiency; Stigma.

INTRODUÇÃO

Segundo Goffman (1988), em seu livro *Estigma*, grande parte do problema do portador de deficiência está intimamente ligado à psicologia social, ou seja, a interação desse indivíduo com outras pessoas no ambiente próprio de cada um.

Mesmo que possa relacionar-se, por possuir um traço que se impõe à atenção, acaba afastando aqueles que ele encontra, ou melhor, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.

Dessa forma, as pessoas são menos limitadas pela sua deficiência, que pela atitude da sociedade em relação à ela.

Essa influência da sociedade em excluir o diferente pode ser observada no comportamento de crianças pequenas que parecem não terem sido influenciadas pelos padrões da sociedade. Brincam livremente com as crianças diferentes: somente após incorporarem os padrões culturais de perfeição e beleza é que passam a zombar da criança estrábica, do garoto chamando-o de "retardado" ou imitando a gagueira ou a deficiência física dos outros (SANTANA, 1999).

Entretanto, esses padrões de perfeição e beleza referem-se a identidade do ser e, o fracasso em manter estas normas, tem um efeito direto sobre a integridade dessa pessoa. Na maioria das vezes é a atitude da sociedade que definirá a deficiência como uma incapacidade e é o indivíduo portador de deficiência que sofrerá as consequências de tal definição.

De maneira geral, a deficiência significa limites de ação e expansão pessoais e, conseqüentemente, pode acabar por segregar o indivíduo do convívio social afastando-o das oportunidades normais de realização (pessoal, profissional, social, afetiva, etc.) (QUEIROZ, 2005).

A pessoa portadora de deficiência tem as mesmas necessidades de qualquer outro indivíduo. Ele necessita ser amado, valorizado e sentir-se participante do grupo familiar e social. Incentivado pode tornar-se um adulto integral e produtivo (MILLER, 1995).

Na realidade devemos compreender como esses padrões estéticos são formados, para compreender como se dá a experiência da beleza frente ao portador de deficiência. O que impede a pessoa comum, de ver e aceitar novos padrões?

Muitos dos textos encontrados a esse respeito são escritos por pessoas portadoras de deficiência, sendo auto-biograficos. O autor compartilha sentimentos e consolida para aquele que lê, a existência real de seu grupo, servindo assim como um tribunal, onde se apresentam diversas opiniões quanto ao modo mais adequado de manipulação de seus estigmas.

Mas acreditamos que *“não é para o diferente que se deve olhar em busca da compreensão da diferença, e sim para o comum”* (GOFFMAN, 1988).

Afinal os deficientes se encontram mais facilmente diante de circunstâncias difíceis, e o que se encara não é o deficiente, mas a situação heróica. Neste contraste, ocorrem grandes inspirações que comovem profundamente.

Procuramos levantar quais os pontos relevantes e divergentes para a percepção desta em nossa sociedade extremamente heterogênea, e não discutir a beleza do ponto de vista filosófico.

Os padrões sociais atuais valorizam a aparência corporal e através dessa valorização cria-se uma industria rentável da beleza.

Dos cosméticos aos alimentos saudáveis, passando pelas academias de ginástica e pelas clinicas de cirurgias plásticas, a

questão econômica sustenta os preceitos da beleza e manipulam esse conceito, dependendo dos resultados positivos e dos ganhos econômicos obtidos.

Trabalhando na área de estética e refletindo sobre a beleza e a pessoa com deficiência, resolvemos nos aprofundar no tema e nos posicionarmos a respeito.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui caráter qualitativo com enfoque sócio-antropológico e paradigma fenomenológico hermenêutico, segundo Severino, 2000.

Numa primeira etapa realizamos um levantamento bibliográfico, através das bases de dados: PROBE – Programa de Biblioteca Eletrônica de Publicações Científicas, CIELO Brazil – Base científica de Periódicos on-line, BIREME – Biblioteca Regional de Medicine e principalmente através do SIARQ – Sistema de arquivos da UNICAMP.

Posteriormente fizemos o fichamento e organizamos o material segundo assuntos referentes às palavras chave, para análise das informações e agrupamento.

"A contemplação de um corpo desnudo de mulher não constitui uma vivência estética quando o homem, que a contempla, se sente dominado pelo impulso erótico. Estes pensamentos frustram a vivência estética, por muito perfeita que seja a beleza do corpo feminino que se tem à vista".

Kainz.

CAPÍTULO I

ESTÉTICA: HISTÓRIA E CONCEITOS

Colocaremos em ordem as noções obtidas da estrutura geral do sentimento estético, com base nos estudos de Evaldo Pauli (2005).

Em princípio será feita uma breve citação sobre a história da estética e então será mostrada a sua natureza de deleite. Em tais condições, o sentimento estético foi configurado como repouso apetitivo da faculdade em seu objeto. A seguir, o sentimento estético foi delimitado em função do objeto que o produz. Eis quando se qualifica como prazer resultante do conhecimento, apreciado pelo apetite do bem da faculdade cognoscitiva.

Fica então claro que consistindo nesta esfera o sentimento estético possui uma alegria pelo saber, quer se trate do conhecimento por objetos eminentes, como o belo, quer de outros conteúdos como os expressados pela arte, quer pelos conhecimentos simplesmente.

Histórico:

O texto abaixo é um resumo de Pauli (2005).

A estética de conteúdo artístico na antiguidade grega já alcançou notório desenvolvimento. Elementos apreciáveis sobre o belo ocorrem nas filosofias de Platão, Aristóteles e outros. Ocorre um clima evidente na filosofia de Platão (427-347 a.C.) quando, da contemplação das idéias e da beleza arquétipa, advertiu para um prazer peculiar, não confundível com os prazeres comuns, a que denominou “delírio poético”, distinto aos demais delírios, como por exemplo, o erótico. Resulta o delírio poético da contemplação entusiástica do belo (FEDRO citado em PAULI, 2005).

Escreveu ainda Platão um tratado sobre o Belo, intitulado Hípias Maior. Tratou de cinco definições do belo e em que encaminha diversas opiniões futuras, até o advento de Kant, fundador de uma corrente subjetivista.

Aristóteles (384-322 a.C.) estudou o sentimento de felicidade pelo exercício do conhecimento na última secção da Ética a Nicômaco. Ali defendeu uma distinção entre os prazeres, que resultou em colocar a satisfação de saber, acima de todos os demais deleites. Fizeram da plenitude do saber a felicidade e fim último do homem.

Teria ainda Aristóteles composto um tratado Sobre o belo, citado por Diógenes Laércio. Entretanto o referido tratado de Aristóteles se perdeu. Suas doutrinas sobre a arte se conhecem, sobretudo porque ele se ocupou em outros textos, também notáveis, que são Retórica e Poética.

Aristóteles retomou doutrinas de Platão, as ampliou e reformulou em um aspecto importante. O absoluto, que Platão situava num mundo transcendente, Aristóteles o trouxe para a imanência dos objetos, e assim também o belo o situou como propriedade destes objetos.

No Período pós-socrático, ou helênico, a estética como saber se alimentou em parte nos textos de Platão e Aristóteles, com os respectivos comentadores. O tom da estética pós-socrática foi dado, sobretudo nas formas de pensamento denominadas neoplatonismo e estoicismo.

O neoplatonismo teve como principal representante Plotino. Este escreveu um tratado sobre o Belo, integrado em sua volumosa Enéada.

Os primeiros pensadores cristãos, do período helênico-romano e início da Idade Média operaram conceitos apreciáveis sobre estética,

ou seja, sobre o belo e a arte, ao mesmo tempo em que deram desenvolvimento à filosofia e teologia.

Fez-se notar Agostinho de Hipona, na então África Latina; Pseudo-Dionísio Areopagita, no Oriente; Boécio e Cassiodoro, na Itália; Isidoro de Sevilha, na Espanha; e Beda o Venerável, na Inglaterra e outros, repetiram conceitos similares sobre o belo e a arte.

Influenciados pela tendência sublimante do neoplatonismo, e que repercutiu no cristianismo como contrariedade aos prazeres sensíveis, defenderam uma estética intelectualista em conotação com o belo interpretado como o perfeito, o harmônico, o proporcional. Na alta Idade Média também se firmou a noção helênica do belo, como harmonia e proporção. Progrediu a estética ao mesmo tempo em que surgia e se desenvolvia a escolástica, no império dos francos, no século IX, em plena renascença coralingea.

Neste tempo Escoto Erigena desenvolveu comentários ao Pseudo-Dionísio, com alguma preocupação pelo assunto do belo.

A estética medieval foi desenvolvida integrada nas obras de filosofia geral e teologia (Cf. Edgard de Bruyne, *Études d'Ésthétique médiévale*, Bruges, 1946 in PAULI, 2005).

à de seu mestre Alberto Magno. Subitamente ingressou por uma explicação que realça a posição da inteligência e os sentidos cognoscitivos.

O belo é aquilo que agrada de maneira desinteressada, porque é prazer que nos vem por causa das faculdades cognoscentes. O belo objetivo, como para os platônicos, é algo de perfeito por parte do objeto, mas produz o agrado, porque fala ao conhecimento (pois o belo é o perfeito em destaque), embora este agrado através do conhecimento se estabeleça finalmente como um estado das faculdades afetivas.

Novas peculiaridades foram assumindo a estética à medida que se entrava, no século XIV, já para o fim da Idade Média.

O franciscano João Duns Escoto (c. 1266 – c. 1308) insistiu na importância da vontade, portanto não da inteligência, como núcleo da felicidade. No que concerne à felicidade eterna resultante da visão de Deus, os tomistas acentuaram a participação da inteligência, os escotistas a da vontade.

No Pré-renascimento italiano, cedo se desenvolveu o lado humano da estética, - na pintura, com Giotto (1266-1337), e no

pensamento literário, com Petrarca (1304-1374) e Boccaccio (1313-1375).

Desabrochou a seguir a humanidade nova do Renascimento clássico, com nomes expressivos na literatura, pintura, arquitetura, quer em obras artísticas, quer em tratados teóricos.

A estética ao tempo dos primeiros filósofos especificamente modernos, concentrados no problema gnosiológico, não se ocuparam significativamente com o sentimento estético, nem o empirista Francisco Bacon (1561-1627), nem o racionalista René Descartes (1596-1650). Mas prosseguiu o Renascimento, inclusive com novas formas de arte, como o Manierismo e o Barroco.

Já no século XVIII, no curso do Século das luzes, o problema estético passou a ser tema dos moralistas ingleses, de reconhecida tendência platônica. Citam-se Shaftesbury (1661-1713), autor dos *Characteristics* (5 ed. 1732); Hutcheson (1694-1746), William Hogarth (1697-1764), Edmund Burke (1729-1797).

No Século das Luzes ocorreu um novo despertar para a estética. Dentro do círculo do racionalismo cartesiano, liderado na Alemanha por Leibniz (1640-1716) se criou uma diretriz estética nova, que localizou o belo estético na faixa do conhecimento sensível

(interpretado já por Descartes como idéia confusa), como a verdade se situa no plano do conhecimento intelectual.

O alemão Alexandre Baumgarten (1714-1762), ao mesmo tempo em que publicava obras de filosofia, obedientes à escola de Leibniz e Wolff, dedicou-se a pesquisar os sentimentos em geral (vd 775) e a região dos sentidos, que, segundo o contexto cartesiano, eram idéias confusas, ali estabelecendo o belo. A este exame do sensível denominou "lógica inferior", de acordo com o princípio de que se trataria de idéias confusas.

Expressou-se ainda na Alemanha, deste tempo de Século das Luzes, outras grandes figuras, com as respectivas orientações em estética:

- Frederico Winckelmann (1717-1768) de orientação clássica;
- Gotthold Efraim Lessing (1729-1781), o festejado autor do *Lacoonte* (1766) sobre a função da fantasia na pintura e na poesia, com uma estética de transição para o romantismo;
- Johann Gottfried Von Herder (1744-1803), também na inversa do classicismo, e notável como precursor da liberalização de idéias e Atitudes.

Ainda no Século das Luzes a estética na França e Itália apresentou alguns nomes bem qualificados, ainda que raros, enquanto o racionalismo alemão se mostrava criativo no setor.

Na Itália surgiu um cartesiano original, Giambattista Vico (1668-1744), que em sua famosa *Ciência Nova* (1735), valorizou o estudo das realizações do homem e, portanto da arte. Mais recentemente, Croce pretendeu realçar a posição de Vico em detrimento de Baumgarten, em que, entretanto foi muito contestado.

De maneira geral, os iniciadores da estética nova se restringiram aos temas da filosofia da arte. Pouco se alargaram sobre a estética psicológica e sobre o belo do ponto de vista ontológico.

Uma nova estética racionalista teve súbito início com Immanuel Kant (1724-1804), autor de *Crítica do Juízo* (1790). Neste seu tratado tardio defendeu, para o fenômeno estético, uma faculdade específica.

Pouco antes já houvera o dinamarquês João Nicolau Tetens (1737-1807) defendido a dissociação da faculdade apetitiva e do sentimento, tese a que logo aderiu Kant, nela apoiando sua estética.

O belo não poderia permanecer na velha interpretação objetiva. Negou então o filósofo de Königsberg, para este particular, de

maneira ainda mais espetacular: o objeto no entendimento e na razão conservava pelo menos o caráter de construção ideal.

Neste contexto desenvolvido por Kant, não existe, o belo como se fosse um objeto. Nem mesmo é um objeto ideal de um conceito puro. A beleza é sem conceito, sem objeto, sem finalidade. É simples afirmação de um estado da mente.

Kant já era autor, desde 1764, de "Observações sobre o sentimento do sublime e do belo". A estética de Kant contrariava, pois, a estética tradicional que via no sentimento um estado apenas de aquiescência do apetite.

Desenvolveu-se a estética de Kant na geração que o sucedeu, com Jean Paul Richter (1763-1825), Novalis (1772-1801), irmãos Augusto Schlegel (1767-1845) e Frederico Schlegel (1772-1829), Ludwig Tieck (1779-1853), Goethe (1749-1832), expressivos nomes da literatura alemã. O romântico Friedrich Schiller (1759-1805), além de literato e teatrólogo, foi ainda um teórico e autor de Lições sobre estética.

Surgiu depois de Kant uma direção panteísta do idealismo, com influência sobre a estética.

Fichte (1762-1814), fundador do idealismo panteísta, não se ocupou com a arte e a estética, senão sob o ponto de vista moral, em que, aliás, punha a preocupação do sistema.

Com Hegel (1770-1831), a arte passou a ser concebida como um estágio inicial da revelação do espírito absoluto. A arte diz algo, como mensagem, e, portanto nos fala de sorte a ser uma atividade do espírito, embora com expressão apenas sensível e exterior. A religião a supera em volume de manifestação, até ser esta, por sua vez, superada pela filosofia, como plenitude das manifestações do espírito absoluto.

Expôs Hegel as idéias sobre a arte em Enciclopédia das Ciências (1817), - destacando que todas as manifestações da Idéia, da Natureza e do Espírito Absoluto se desenrolam progressivamente, - e ainda em Estética (publicação póstuma).

Desenvolveu-se a estética de Hegel no assim chamado círculo hegeliano. Neste círculo se fizeram mais conhecidas às estéticas de Friedrich Theodor Vischer (1807-1887) e Arnold Ruge (1802-1880).

Para esse círculo, a infusão de imagens se processa de maneira notoriamente diversificada, de indivíduo para indivíduo.

CONCEITOS:

Os conceitos abaixo mostram a diversidade de entendimento sobre o assunto.

O alemão Alexandre Baumgarten publicava em seu livro "Estética" a primeira frase: "Aesthetica est scientia cognitionis sensitivae". A definição obedece ao conceito que defendia a respeito do belo que ele considerava sensível, enquanto que a verdade, supra-sensível, seria o objeto da inteligência (PAULI,2005).

Nos dias de hoje, a estética tem feito emergir muitas reflexões por tratar-se de um objeto de desejo e de consumo no mercado das necessidades do homem moderno (NOVAES, 1998).

Porém qualquer fosse a opinião de Baumgarten sobre o assunto, o nome vingou, servindo, tanto a acepções mais amplas, como mais restritas. Como nome de uma disciplina, foi Estética tomada do grego, no qual, de modo geral, tem o sentido de sensação.

Na verdade, o termo estética não é o que mais propriamente convém. Já se propuseram outras denominações – teoria das belas ciências, ou das belas-artes – que não foram aceitas, e com razão. Empregou-se também o termo kalística, mas do que se trata é, não do belo em geral, mas do belo como criação da arte. Conservamos, pois, o termo estética, não porque o nome nos importe pouco, mas porque este termo adquiriu direito de cidadania na linguagem corrente, o que é já um argumento em favor de sua conservação (HEGEL, 183?).

Por isso apenas no apetite racional surge a afetividade estética do belo.

Sempre se mostra necessário o objeto na especificação dos sentimentos. Não se pode sequer mostrar uma exceção nos prazeres que acompanham as funções reprodutoras da espécie. Ali o processo cognoscitivo é o do tato e não ocorre nenhum sentido especial. Desde que se desenvolvam as sensações tácteis, se desenrolam as respectivas emoções (PAULI, 2005).

Por tanto, um objeto operado pela inteligência, eis o que mais é essencial no sentimento estético. Não basta sentir, através dos sentidos, as belas cores e os sons harmoniosos. É preciso também a participação inteligente nos espetáculos das cores e dos sons.

Para nós o sentimento estético salta e progride toda vez que algo se apresenta como perfeito e em realce. O objeto se denomina, então, o belo. Apreciando com cuidado o desenrolar de um sentimento estético, a perspicácia mental percebe que, tudo quanto vai sendo apreciado, diz respeito àquilo que nas coisas se realça, as eleva, as enaltece.

Para Duarte Júnior (1986) a beleza não é um atributo subjetivo que determinados objetos detêm e outros não. Ela é a relação que um

sujeito mantém com um objeto, de acordo com uma determinada percepção.

O belo é essencialmente objeto da inteligência, porque quem conhece no sentido pleno da palavra, é a inteligência, que só está aberta à infinidade do ser... A parte dos sentidos na percepção da beleza é enorme em nós, e até indispensável, pela circunstância de que a nossa inteligência não é intuitiva como a do anjo; ela vê, sem dúvida, mas sob a condição de abstrair e de discorrer; só o conhecimento sensitivo possui perfeitamente no homem a intuitividade requerida na intuição do belo. Pode o homem sem dúvida gozar da beleza puramente inteligível, mas o belo conatural ao homem é aquele que vem deleitar a inteligência por meio dos sentidos e pela intuição. Tal também é o belo próprio de nossa arte, que trabalha uma matéria sensível para fazer o gozo do espírito (MARITAIN citada em OLIVER 1999).

É o belo o ser que, com perfeição, executa em si o ideal arquétipo absoluto, portanto a verdade ontológica no sentido mais exato. Por isso, onde ocorre o belo, ali sempre se verifica a verdade ontológica (OLIVER, 1999).

Segundo o modo de expor de Kant, o juízo estético é alógico, sem conceito, porque apenas afirma a situação do objeto em ordem a um modelo arquétipo, ou seja, à finalidade formal a que se ajusta, ao gênero e à espécie em que cabe. Não se refere então o juízo estético à constituição em si mesma do objeto. Mas o julga como um todo em função à finalidade formal. O juízo estético é "sem interesse" porque não afirma o que "interessa" à constituição do objeto (PAULI, 2005).

Em especial o belo, como a perfeição em realce, é o bonum por excelência do intelecto. Principia, então, a ser interpretado o juízo especulativo e notoriamente o estético, como algo de interesse e que o homem procura (ETCOFF, 1999).

Portanto o juízo estético é de desinteresse, enquanto conteúdo, mas de muito interesse enquanto situação a conquistar.

O objeto que produz sentimento estético, este adquire denominação especial, - o belo. Se o sentimento é negativo, seu objeto é conhecido como o feio (ETCOFF, 1999).

Apesar da sua pureza, a afetividade estética vem ordinariamente acompanhada dos mais diversos sentimentos de outra ordem. Soma-se ainda à afetividade estética, como atitudes mímicas, reações somáticas e sensibilidades cinestésicas. Além da concomitância de tais sentimentos, reações e mais elementos que ocorram, ainda alteram o mesmo comportamento da afetividade estética.

A esteticidade é condicionada pela capacidade cognoscitiva. Em consequência varia a capacidade de percepção estética subjetiva das pessoas, alterando-se até com a educação.

O acervo cultural influencia evidentemente a índole das vivências estéticas. Conhecer melhor influencia paralelamente o sentir melhor. Além disto, se este conhecimento especulativo se fizer constituir por conhecimento da estética como disciplina, resulta em poder de autocrítica (PAULI, 2005).

O indivíduo desenvolvido intelectualmente liberta-se da ação negativa da globalização; aprecia as obras dentro das circunstâncias de lugar e tempo em que surgiram e existiram. Tem-se então a estética qualificada como prazer resultante do conhecimento, apreciado pelo apetite do bem da faculdade cognoscitiva (PERNIOLA, 1998).

Segundo Evaldo Pauli (2005), selecionados os conteúdos mais evidentes em influência sobre a esteticidade, chega-se finalmente a seguinte disposição:

- *interferência dos objetos cegos, ou sem imagem, na esteticidade*: O exercício da afetividade estética sofre a interferência incontestável de outros sentimentos e ainda das situações temperamentais e instintivas, o sentimento estético se encontra no recinto do apetite racional. Diversamente influirão sobre ele a ira de

ordem racional (situada no apetite racional) e a ira meramente sensitiva (situada no apetite inferior).

Associam-se, invariavelmente com manifestações estéticas, os sentimentos egoístas, - como da vaidade, ostentação - e os afetos de auto-afirmação, - como da majestade, da magnificência, da segurança de convicções e do apreço dos próprios valores.

- *interferência dos objetos dos sentidos na esteticidade*: As associações e projeções sentimentais, uma vez que mudam de indivíduo para indivíduo, requerem, portanto um conhecimento prévio do artista pelo apreciador.

- *a eminência estética dos conteúdos da imaginação e memória*: Eis o que é a imaginação, companheira invisível, a nos transformar a intuição dos sentidos exteriores, em resíduos preciosos que se guardam na consciência. Ocorre um afrouxamento na força de incidência dos conteúdos imaginosos. O impacto dos sentidos é pronto e intenso, de sorte a despertar o sentimento de imediato. Os conteúdos imaginosos operam mais devagar, porém mais longamente, em virtude da presença constante do objeto, de que são capazes. Fenômenos como o aborrecimento e a alegria constante, se alimentam com a imaginação.

- *interferência estética dos conteúdos mentais*: Somente o objeto apreendido pela inteligência produz especificamente a esteticidade, uma vez que cabe ao juízo da mente a responsabilidade fundamental do sentimento estético, as interferências na esteticidade se dão, por conseguinte essencialmente a partir dos objetos operados pela mente. A partir da mente se cria e se desenvolve a esteticidade, caminhando do suave ao intenso, à medida que o mesmo juízo estético surge e se plenifica.

- *interferência estética da moral*: A educação influencia o temperamento, amoldando-o, bem como o subordinado ao controle da razão. Assim, indiretamente se influencia mais uma vez, a seu modo, o comportamento da sentimentalidade estética.

- *interferências estéticas de lugar e tempo*: Tais circunstâncias operam particularmente através da lei de associação das imagens da fantasia, bem como das conexões percebidas pela inteligência. As imagens não surgem isoladamente, mas sempre com o complexo natural a que pertencem, quanto ao tempo, lugar e posição.

“A mulher bela não era apenas aquela que se mostrava impecável em suas aparições públicas; ela também deveria demonstrar a graça, a descrição, enfim a natureza de seu gênero”.

Schpun.

CAPÍTULO II

CORPO, PERCEPÇÃO PESSOAL E CULTURAL

Considerando que a condição do homem é corporal, neste capítulo realizou-se uma mescla de reflexões sobre o corpo; onde se tenta mostrar a relação corpo e sociedade.

Depreende-se daí que o corpo e o uso que dele fazemos, bem como as vestimentas, adornos, pinturas e ornamentos corporais, tudo isso constitui, nas mais diversas culturas, um universo no qual se inscrevem valores, significados e comportamentos, cujo estudo favorece a compreensão da natureza da vida sociocultural (QUEIROZ, 2000).

Na análise evolutiva da concepção de corpo, da Grécia Antiga aos nossos dias, revela-se o confronto entre o Idealismo e o Materialismo, entre a Metafísica e a Dialética. É através da história que se lê e interpreta a realidade tanto para sua conservação como para sua transformação radical.

Essa filosofia surge da preocupação do homem em compreender o mundo em que vive. Aí vem a necessidade de uma explicação racional da realidade. É a consciência assumindo seu papel no desenvolvimento do homem, da cultura.

No mundo contemporâneo, a sociedade dos países mais desenvolvidos dá mais valor à qualidade de vida, enquanto que a sociedade dos países em desenvolvimento valoriza mais os bens materiais. Diante de tal fato, poder-se-ia atribuir à valorização estética, como uma forma de despertar da consciência de uma sociedade, para o amadurecimento social. Isto porque a cobiçada "beleza do corpo" ou aparência física não está sendo analisada, aqui, simplesmente como expressão da vaidade pessoal, mas como um fenômeno presente consciente ou inconscientemente na vida das pessoas. A aparência

estética atua na dinâmica do comportamento como na hierarquização de valores (NOVAES, 1998).

Segundo Beresford (1994), a ética está baseada no conjunto das regras de conduta, válidas universalmente, dentro de uma perspectiva metafísica, contribuindo para reflexão dos problemas de ordem moral, entre outros: sentido de existência humana, obrigações e deveres, a essência do bem e do mal, valor da consciência moral. Complementando estas conceituações, utiliza-se a palavra de Vazques (citado em BERESFORD, 1994) quando diz que a ética é "ciência de uma forma específica de comportamento humano", e a moral a base axiológica que sustenta o comportamento humano.

Nas reflexões sobre a relação estético-moral de Schiller (citado em NOVAES, 1998), o homem está situado entre a submissão à sua natureza sem qualquer tipo de interferência, quando esta é inconsciente e instintiva e, uma segunda natureza, a consciente ligada à moralidade e sensibilidade. A relação estético-moral de Schiller ficou ainda mais afirmada quando surgiu o imperativo categórico kantiano, pois elevou a condição da natureza mista do ser humano, defendida por Schiller.

A beleza do corpo influência e motiva, entretanto, há uma complexidade por trás desta aparência estética quando analisada filosófica e sociologicamente. A estética tem relação não somente com o ser belo, mas também com o ser bom (DUARTE JÚNIOR, 1986).

Rhoden (1966) diz que a natureza humana começa com a possibilidade de existência de um ser bom consciente, implicando na existência, também, de um ser mal consciente. Para ele, as duas existências conscientes de um ser bom ou mau, abrem as portas para a possibilidade de ser, em algum tempo, um ser consciente bom, porque com elas aparecem as distinções e diferenciações entre si, proporcionado à liberdade do exercício de escolha do ser humano. Ainda diz, o mesmo autor, que ser bom não significa ser belo, mas o ser belo pode significar ser bom. "Só um ser consciente e livre pode estar realmente dentro da zona do bom e do belo" (RHODEN, 1966).

Tomando-se como pressuposto a existência de um ser bom, implícito no ser belo ou na beleza, pode-se apontar à categoria estética uma dimensão sociológica relacionada com a moral, ou a nova moral (BAYER, 1995). Portanto, a estética, como o lado bom do ser consciente, se conjuga à consciência coletiva da moral, supondo-

se que a busca pela estética tem se manifestado um meio inconsciente das pessoas tentarem reconstruir seus valores morais, isto é, um meio de construir uma nova moral, uma nova ética.

O homem traz em sua essência a necessidade de atribuir valor aos seres (HESSEN, 1980). O ato de valorar faz parte do seu cotidiano. O valor pode ser considerado uma qualidade estrutural quando constitui organização e integração de sentido em relação às carências suprimidas. Portanto, se o ser humano atribui significativo valor à estética (NOVAES, 1998), pode-se dizer que por trás desta atribuição de valor, há um grande sentimento de satisfação quando esta suprime uma carência. E qual seria esta carência? Para Novaes a estética, como princípio fundamental à busca do homem como um ser perfeito, "converte a sensibilidade e o limitado em infinito e eterno, levando à harmonia". Poder-se-ia dizer, então, que a carência do ser humano em relação à estética está relacionada à busca da perfeição, do ser belo e do ser bom, do ser estético, do homem puro (RHODEN, 1986).

Apesar de todo o progresso, não conseguimos superar a alienação nas quais estamos envolvidos. O nosso corpo vai sendo

modelado por regras sócio-econômicas, domesticadoras, sufocantes e opressoras. Pois o corpo é, ele próprio um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos (SAN'TANA, 1999).

O nosso corpo vai se transformando (desde a concepção até adultos conscientes), o corpo da criança vai sendo violado por um conjunto de regras sócio-econômicos que reprime e educa. O corpo do brasileiro então vai sendo apropriado pela cultura e remodelado como projeção do social.

A beleza estética é perseguida, sem dúvida, pela maioria das pessoas. A estética é apontada como o principal fator que motiva as pessoas a procurarem a prática de atividades físicas (NOVAES, 1998).

Couraças musculares vão surgindo, segundo as características socialmente impostas às pessoas. A consequência disto é um corpo doente, que nem a medicina avançada pode curar. O corpo do brasileiro perde seu ritmo natural, perde o seu equilíbrio, ou seja, ainda não consegue alcançar um estado de profundo e dinâmico bem estar físico, mental e social que é defendida pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Estas percepções levam o homem ao conhecimento dos seus movimentos, materializado pela corporeidade, cujo corpo é o lugar, a cena, onde se movimenta a vida deste homem.

O homem é um pensamento em ato, sendo o corpo o veículo do ser no mundo, vinculando a interioridade da consciência à exterioridade do mundo, permitindo na percepção o primeiro contato do sujeito com este mundo e, a consciência deve ser sempre um ato dotado de significação e, assim, concebe a motricidade como a intencionalidade que conduz o homem, enquanto ser prático ou ser carente por sua natureza, ao movimento em busca da realização e auto-realização. "Existe um movimento intencional do corpo, diferente do simples movimento no espaço, e que tange ao caminho e abertura para as coisas, para os outros" (MERLEAU-PONTY, 1994).

Diante da conceituação de motricidade e corporeidade, arrisca-se colocar a estética como a manifestação de uma ética corporal entre a motricidade e corporeidade, de forma a estruturar valores corporais que reflitam valores morais, construindo assim, uma base sólida para o desenvolvimento do ser, para a democracia e para as

transformações sociais. E estes, somente, são possíveis por meio de processo educacional (PINHEIRO, 2005).

O esporte, neste aspecto, obtém um fortíssimo aliado na sua relação com a estética, pois a beleza de um atleta em movimento ou os momentos de um jogo coletivo ou individual, encantam milhares de pessoas com imagens e emoções ali expressos e registrados, permitindo melhores possibilidades de contemplação da estética esportiva.

Nesta relação, a sociedade é levada a êxtase e se motiva ainda mais pela busca da aparência estética. E por princípio ético, clama pela estética do esporte com o fortalecimento do fair-play, despertando a conscientização, desenvolvendo a convivência social e devolvendo a oportunidade da vivência corporal. A estética do esporte, aliada à ciência e à filosofia, possuindo como principal fundamento o desenvolvimento do ser conscientemente belo e bom imbuído do verdadeiro espírito esportivo. Dessa forma, educar esteticamente, por meio do esporte, é aspirar por uma sociedade menos consciente e livre (NOVAES, 1998).

Quando se é livre e consciente e se está no plano do bom, há uma harmonização consciente com o Todo, porém de forma dolorosa. Tudo que envolve dificuldade não é belo, porém, pode ser bom. Entretanto, este mesmo autor usa as palavras de Mahatma Ghandi, quando disse: "a verdade é dura como diamante e delicada como flor de pessegueiro" para explicar que o ser humano quando encontra a sua verdade, não é mais apenas um ser bom ou "feiramente bom", mas um ser "belamente bom". "O ser belo é o esplendor do ser-bom. A beleza é a exultante leveza da bondade". (RHODEN, 1966).

A busca pela estética, por manter uma relação transcendental com o ser belo, o ser bom e o ser verdadeiro, seria uma forma do ser entrar em contato com valores éticos e morais. Conceituando, "A ética é a ciência da moral. A ética é a teoria e a moral a prática. A ética é o mandamento e a moral os fatos. A ética é o espírito e a moral o corpo" (VARGAS, 1995).

A relação do indivíduo com o próprio corpo parece ser menos consciente quanto mais intenso o seu uso, ou seja, quanto maior o esforço físico dispendioso. Nas camadas superiores da hierarquia social, decresce o volume de trabalho manual em favor das atividades

intelectuais, com o que os indivíduos alteram o sistema de regras que regem as relações de seus corpos, tornando-se mais conscientes do seu uso, dedicando a ele cuidados mais atentos e sofisticados. Uma maior preocupação com a manutenção da forma física e a valorização da graça, maleabilidade e flexibilidade corporais são mais comuns e intensas nos segmentos abastados do que nas camadas subalternas. Daí que duas pessoas de mesma corpulência física serão consideradas magras nas classes populares e gordas nas superiores (QUEIROZ, 2000).

É também na instituição do trabalho, que deve estar a base dessa análise que fazemos de nossa sociedade e de nosso corpo. Porque são nas relações sociais de trabalho, que são geradas a divisão das classes antagônicas, e acentuam, com suas regras, as injustiças que, por sua vez, produzem toda essa nossa pobreza e miséria. É nessa contradição entre capital e trabalho que se produz os corpos dos brasileiros, já que é fundamentalmente a nossa situação de classe que condiciona a nossa corporeidade. Desta forma e na própria situação de classe que está à base de nossa percepção do corpo (NOVAES, 1998).

Nancy Etcoff (1999) relata em seu livro: "A lei do mais belo", que:

A aparência é a parte mais pública da pessoa. É o nosso sacramento, o ego visível que o mundo presume ser o espelho do ego invisível, interior. Essa suposição talvez não seja justa, nem corresponda a maneira como o melhor dos mundos morais se conduz, mas não deixa de ser verdadeira.

Essa axiologia, moral ao mesmo tempo que estética, pressupõe uma separação cortante entre o que pertence à ordem dos signos e a realidade verdadeira a qual eles remetem (GALARD, 1997).

"Bom é critério ético. Belo e puro são critérios estéticos". (ROHDEN, 1986). Enquanto a beleza ou o belo é considerado como uma espécie de bem, no entanto, trata-se o bem como uma potência cognoscitiva, satisfazendo apenas ao apetite natural do conhecimento. Sendo assim, o belo estaria relacionado principalmente com o transcendental bom, assim como com o transcendental verdadeiro, sendo o melhor conceito utilizando ambos, conjuntamente, o transcendental bom e o verdadeiro (ESTRADA, s/d).

Isso significa que o outro ou o grupo social é o referencial a partir do qual o indivíduo cria e ajusta constantemente sua identidade pessoal (GLAT, 1989).

Hoje em dia há uma multiplicidade de imagens que se condensa na mídia, onde reinam as superfícies lisas, fragmentadas, peles de luz ou de papel. O indivíduo é dividido em dois fragmentos: o organismo biológico que ele constitui e a pessoa que lhe é inerente (SAN'TANA, 1999).

[...] que o Homem não é só corpo. Um espírito o penetra e o anima e permite-lhe ser, na realidade, um corpo humano. Afigura-se obstinação facciosa esquecer a espiritualidade humana. [...] matéria, vida e espírito não se apresentam como três ordens de realidades ou três ordens de seres, mas como três planos de significação, ou três formas de unidade. (MERLEAU-PONTY, 1994).

No imaginário, a alteração do corpo remete a uma alteração moral do homem, sua passagem a um outro tipo de humanidade autoriza a constância do julgamento ou do olhar sobre ele, até a violência a seu respeito.

E aquele que aspira à humanidade de sua condição sem oferecer a ela as aparências comuns por causa de suas mutilações ou de suas deformidades está destinado a uma existência diferenciada sob o fogo dos olhares dos passantes ou das testemunhas de sua diferença. (citação de BRETON em SAN'TANA, 1999).

Eagleton (citado em NOVAES, 1998) diz que a harmonia pela estética conduz "a reconciliação da sensação e do espírito, da matéria e da forma, da mudança e da permanência, da finitude e infinitude". Nos escritos de Mafesolli (citado em NOVAES, 1998), a estética é uma

forma de caracterizar novos estilos, sendo que, no jogo da estética ou das aparências é que se verifica "a tendência atual do homo *aesthethicus* pós-moderno de romper com o racionalismo e deixar valer a força da emoção e da natureza".

O enobrecimento da vida instintiva na educação estética do homem é o meio mais importante para a sua valorização e é no jogo da estética que ele se completa, atinge a auto-realização suprema e realiza a sua dupla natureza: o racionalismo e o instinto sensível. (NOVAES, 1998).

A aparência estética da pessoa pode, então, ser entendida como o topo de um iceberg humano. A aparência estética pode ser tratada como o resultado visível do processo complexo da evolução humana, fenômeno obviamente polivalente, pelas suas magnitudes filosóficas, biológica, psicológica e sociológica. Educar esteticamente a personalidade, portanto, não é tarefa elementar, já que transcende o simples gestual dos músculos (NOVAES, 1998).

Para Vieira de Mello (citado em QUEIROZ, R.; 2000) o esteticismo apresenta caráter filosófico brasileiro, quando busca estabelecer um diagnóstico do caráter do povo brasileiro e sua prática

generalizada, "combatendo as ideologias contestadoras deste caráter, e as tentativas de simplificação do problema filosófico brasileiro". Sendo assim, a busca pela estética se apresenta como um fundamental instrumento diagnosticador do caráter do povo brasileiro, assim como uma forma inconsciente de reação social por uma nova ética. Pelo menos no Brasil, isto talvez possa ser justificado por Paim (1980), quando diz que é notória a inaptidão do povo brasileiro para ajustar-se às regras e normas, "[...] o plano ético, no Brasil, é o próprio campo da fluidez e da indefinição".

"Tudo aquilo que, dentro da pele, se mantém na obscuridade, definem a verdade do corpo".

Sant'ana

CAPÍTULO III

REFLETINDO A DIFERENÇA

A DIFERENÇA REFLETINDO SOBRE NÓS

Do momento em que nasce uma criança com deficiência e este é trazido para a casa, o clima emocional da família se transforma. Grande parte da reação inicial a esta notícia será determinada ***pelo tipo de informação fornecida*** (grifo meu), a forma como ela é apresentada e a atitude da pessoa que faz a comunicação (TRUGILLO citada em QUEIROZ, 2005).

Estes aspectos citados serão bastante relevantes podendo determinar a aceitação desta criança no núcleo familiar. É pouco adequada a atitude dos pais em tentar disfarçar os fatos a fim de

amenizar o choque dos familiares, principalmente em relação às crianças que conhecem tão bem a "psicologia" dos pais e sentem quando estão sendo enganadas.

Todos os pais que aguardam o nascimento de um filho idealizam essa criança que está por vir ao mundo, seja nos aspectos físicos ou comportamentais deste novo ser. Nos primeiros dias após o nascimento da criança é importante que os pais possam conciliar a imagem do bebê que formaram no período da gravidez (bebê idealizado) com as impressões que elas passam a ter deste bebê real. No caso de casais que venham a ter uma criança com qualquer deficiência este momento é muito mais difícil. Assim, alguns mecanismos de defesa surgem no psiquismo destes pais e são manifestos em comportamentos tais como a negação, onde os pais negam a importância do problema. Após alta da maternidade, médicos encaminham para avaliação em centro de reabilitação e os pais não realizam tal coisa (TRUGILLO citada em QUEIROZ, 2005).

Seguem na projeção, os pais projetam então a culpa sentida por eles próprios em pessoas próximas, geralmente nos profissionais envolvidos com a criança. Em alguns casos, colocam a culpa no próprio cônjuge (TRUGILLO citada em QUEIROZ, 2005).

O próximo passo é a rejeição. Pais afastam-se do bebê, não por que não se preocupem, mas porque é dolorosos demais se preocupar tão profundamente e sentir-se ao mesmo tempo tão completamente impotente.

Os filhos, cujos pais apresentam esse comportamento de rejeição podem desenvolver sentimentos que interfiram em seu comportamento tais como: ansiedade, tensão, sentimentos de inferioridade, autoconceito negativo, insegurança, falta de confiança em si, falta de iniciativa.

Mas nas Mães geralmente, nota-se um tipo de comportamento superprotetor, não permitindo que o filho sofra o mínimo de frustração que é importante para o seu desenvolvimento. Dessa forma, ela deixa de lado sua vida e passa a dirigir toda a sua atenção a esse filho. Frequentemente essa mulher passa a ter dificuldades no seu relacionamento conjugal e com os outros filhos. Ela não se sente digna de ter um momento para si, não consegue uma descarga adequada para as suas tensões e seu conflito aumenta (TRUGILLO citada em QUEIROZ, 2005).

A criança que a mãe manifesta esse tipo de conduta pode desenvolver comportamentos como: possessividade e egocentrismo,

baixa tolerância à frustração, revolta ou apatia. É comum observarmos nesses pais sentimentos naturais de medo, dor, desapontamento, culpa, vergonha, frustrações e uma sensação geral de incapacidade e impotência. Todos esses sentimentos são naturais, pois são raros os seres humanos que poderiam aceitar de imediato um filho portador de uma deficiência.

Para o portador de deficiência no que se refere a personalidade, não existe um tipo ou tipos que definam os indivíduos portadores de deficiência. O único ponto em comum entre os portadores de deficiência é a própria limitação, ou seja, todos apresentam um déficit que os discrimina da população "normal".

A deficiência física ou sensorial será vivenciada de formas diversas de acordo com a estrutura de personalidade de cada um. Assim alguns encaram a deficiência como um desafio a ser superado com novas formas de adaptação, busca de outros referenciais. Outros mostram reações negativas de acomodação à situação com momentos depressivos e de angústia.

Os deficientes se encontram mais facilmente diante de circunstâncias difíceis, por vezes dramáticas. Então, o que o se

encara, não é o deficiente, mas a situação heróica, de um pequeno poder a realizar muito. Neste contraste, ocorrem grandes inspirações que comovem profundamente. (GOFFMAN, 1988).

Vamos nos atentar aos dias de hoje, onde se fala muito na estética ligada ao culto ao corpo, à beleza plástica tão desejada e conquistada a qualquer preço. Refletimos a respeito da estética tratar-se de um objeto de desejo e de consumo no mercado das necessidades do homem moderno (NOVAES, 1998).

Respeitados certos limites, cada cultura define a beleza corporal à sua própria maneira, ocorrendo o mesmo com a classificação e a avaliação das diferentes partes do corpo e as decorrentes associações estabelecidas entre tais partes e determinados atributos, positivos ou negativos (QUEIROZ, 2000).

Nesta perspectiva, EAGLETON (1993) tenta justificar as interpretações da estética como uma nova espécie de transcendentalismo, no qual os desejos, as crenças e os interesses agora ocupam lugares a priori tradicionalmente reservados ao Espírito do Mundo ou ao ego absoluto. Sabe-se que o grau de tolerância em relação às transgressões quotidianas é geralmente maior quando os

transgressores melhor correspondem ao ideal de beleza estabelecido. O ideal de beleza pressupõe integridade. (QUEIROZ, 2000).

O culto ao corpo, portanto, passa a ser não mais uma questão frívola, mas uma questão de notória importância, pois apresenta vínculos entre os elementos da estética com a moral e a ética, tentando justificar o significativo valor atribuído à beleza plástica pela sociedade. Trata da estética que mantém uma relação transcendental com o ser belo, o ser bom e o ser verdadeiro, tomando como referência os postulados de Schiller, Vieira, em NOVAES (2001), e RODHEN (1966) que colocam o homem dentro de uma perspectiva metafísica, situando-o à sua natureza mista, a inconsciente e instintiva e a consciente ligada à sensibilidade e moralidade.

O culto ao corpo, nada mais é do que a exaltação da beleza física em si, independentemente de atributos morais. A apologia estética do desnudamento do corpo tem destaque em dois pontos: a forte erotização da topografia do corpo por ambos os sexos e ao novo mapeamento do corpo que valoriza pedaços e redefine áreas proibidas e não proibidas (QUEIROZ, 2000).

A estreita relação que Platão estabelece entre o belo e o bem, ou entre o belo e a verdade, assim como a beleza como tendo origem divina ou sendo portadora de uma mensagem divina, a beleza gerada no amor e o amor que busca a beleza, a beleza que não é deste mundo e que tem a capacidade de nos transportar para um outro: tais ideais de beleza sustentaram-se através dos séculos no ocidente. Portanto nossas concepções atuais sobre o belo têm nas idéias platônicas um ancestral poderoso – graças, sobretudo ao neoplatonismo desenvolvido por Plotino e adotado em longa medida pelos pensadores cristãos. (OLIVER, 1999).

Como diz Marco Antonio de Queiroz em seu livro “Sopro no corpo” (1986):

Hoje tenho a certeza de que a profundidade e quantidade de problemas de uma pessoa não determinam sua felicidade, isso depende de como cada um enfrenta suas dificuldades, se cresce com sua bagagem ou estaciona em sua dor. Eu mesmo já tive muito menos problemas do que tenho hoje e nem por isso era mais feliz. Consolo? Não, realidade.

Normalmente transponíveis os passos da vida pelos fortes, não o são para os que não dispõem do mesmo equipamento somático e psíquico. Mais impressiona o mesmo ato heróico levado a efeito pela criança ainda frágil, do que pelo adulto. Mais por um indivíduo mal

formado, que subitamente promove ato generoso, que outro educado de longa data realiza espontaneamente.(TRUGILLO citado em QUEIROZ, 2005).

Deformidades corporais evidentes contrariam o ideal estético estabelecido, podendo converter-se em autênticos estigmas e eventualmente, marginalizar seus portadores. Tais deformidades são vistas não apenas como imperfeições corporais, mas também sinalizam, de acordo com o senso comum, traços negativos de caráter (QUEIROZ, 2000).

Nessa requintada arte de utilizar o corpo humano, dominam os fatos da educação acima da simples imitação. Trata-se, assim de adaptações do corpo, pelo uso que dele fazemos nas mais diversas atividades. Um uso propriamente cultural, dependentes da convenção das regras de etiqueta (QUEIROZ, 2000).

Nas sociedades ocidentais modernas se estabelece uma identidade entre beleza corporal, inteligência e poder aquisitivo elevado. O que se espera é que pessoas bonitas sejam capazes e bem sucedidas. (QUEIROZ, 2000).

Sobre os que são considerados feios, pesa sempre a suspeita de que sejam pobres, rudes, carentes de instrução e portadores de reduzida capacidade intelectual. Tal julgamento restringe sua participação nas redes da sociabilidade.

Assim, são numerosas as manifestações para a indiscutível atuação de condicionantes psicobiológicos universais, seja na apreciação estética relativa ao corpo, seja no estabelecimento de critérios de atratividade, já que expressam respostas culturalmente adaptativas (QUEIROZ, 2000).

“A verdadeira revolução não se dá nem só no mundo, nem só na pessoa, mas sim na relação entre os dois”.

Medina.

CAPITULO IV

O PRAZER DE SER EU MESMA

Diferentemente do que possa parecer, os significados dados à beleza não obedecem a qualquer linearidade, tampouco aquilo que pode ser chamado de os "jogos da beleza" surge descolado de um contexto histórico. A beleza, assim como os jogos que a determinam, tem história e como tal está permeada de inúmeras relações, de idas e vindas que se mostram através de pequenos e grandes detalhes: das diferenças visíveis naquilo que chamamos de padrões de beleza aos contextos que os constituem (SCHPUN, 1999).

Lembrando ASSIS (citado em DANTAS 1994), "Estamos vivendo uma sociedade de rendimento, na qual só vale quem rende. Onde o diálogo, a liberdade e principalmente a solidariedade, foram negligenciados".

Normas associadas à beleza física tomam forma de ideais e constituem modelos perante os quais quase todo mundo fracassa em algum período da vida (GOFFMAN, 1988).

Em termos lingüísticos pode se dizer que o estigma é uma metonímia em que o todo é nomeado em função de uma das partes.

Esta sociedade exigente, que reuniu a insegurança e a ansiedade, reforça o conformismo e o consumismo, sendo regida por critérios econômicos e rejeitando critérios éticos. A estética, neste campo, fortalece um novo espírito do belo, despertando a conscientização das formas, desenvolvendo um novo mercado para consumo, pouco se relacionando com a oportunidade de uma vivência corporal (QUEIROZ, 2000).

Motivos importantes como a busca e a manutenção da saúde, da qualidade de vida e da sociabilização são suplantados pela procura do corpo perfeito (NOVAES, 2001).

Há por trás do culto ao físico bem definido, seja esculpido com dietas à base de remédios e muita malhação, seja por bisturis em salas cirúrgicas, toda uma complexa rede de lucros capaz de

movimentar bilhões de reais por ano. Envolve em graus diversos desde os meios de comunicação e as academias de ginástica até a indústria farmacêutica, as clínicas e os médicos especializados em plásticas estéticas. Afinal, nunca tantos tiveram tanto acesso a recursos para moldar seus corpos a seu bel-prazer em condições tão atraentes (SCHPUN, 1999).

A busca do corpo idealizado pela moda pode ter um sentido de proteção, pode ser uma forma de buscar amor e aceitação, segundo o psicólogo Niraldo de Oliveira Santos, da equipe do Hospital das Clínicas de São Paulo. Acredita-se que o olhar do outro só vai nos apreciar se estivermos atendendo às especificações do momento.

Percebemos que nesse contexto os jogos da beleza atendem às demandas sociais. A beleza representa e significa prestígio social. Fazer-se bela é, assim, antes de mais nada, um investimento social sobre o qual, não se pode esquecer, passam as atribuições de gênero (ETCOFF, 1999).

Em nossos dias as experiências de homens e mulheres no que diz respeito ao cuidado com o corpo passam por outras questões, assim como são outras as exigências feitas. A presença das mulheres

na sociedade pode ser percebida das mais diversas formas, mas ainda convivemos com padrões de beleza definindo corpos certos e errados... Apesar de haver a possibilidade da escolha, ainda parecemos presos a esses jogos onde a beleza é supervalorizada. Cada vez mais essa supervalorização tem de ser colocada à prova (SCHPUN, 1999).

Em 1991, Naomi Wolf, pôs de lado séculos de especulações ao dizer que a beleza como uma entidade objetiva e universal não existe.

A beleza é um sistema monetário, assim como o ouro. Como qualquer economia, é determinada pela política e, na idade moderna no ocidente, é o último e melhor sistema de crenças que mantém a dominação masculina intacta (citado em ETCOFF, 1999).

Em confronto com as pessoas portadoras de deficiência, o propósito não é a negação da diferença, mas a busca de um caminho que possa resgatar a dimensão humana delas. Mudando o costume de serem vistas sob o prisma exclusivo da incapacidade.

Todo processo crítico deve permitir que as pessoas envolvidas nele possam ser elas mesmas, que aprendam os elementos necessários ao seu desenvolvimento em comunhão com os outros e com o mundo. Buscando condições de uma existência digna para todos.

A desfocalização, não é o abandono da atenção nem o relaxamento da consciência, é como se a disseminação perceptiva exigisse uma outra concentração e impusesse uma diferença mais completa em relação ao contorno desse novo centro (GALARD, 1997).

Isto é, é a perda do foco na aparência física, e a colocação de um novo centro no ser humano que está em questão. É arrancar da organização social todo traço de animalidade e afirmar o contrario sua condição humana (SANTANA, 1999).

David Le Breton, nos lembra que:

... no imaginário, a alteração do corpo remete a uma alteração da moral do homem. Sua passagem a um outro tipo de humanidade autoriza a constância do julgamento ou do olhar sobre ele, até a violência a seu respeito... (Citado em SANTANA, 1999).

Aprendemos então que não importa quão inesperado o nosso encontro com o belo possa ser, ele nos dá uma segurança de que a verdade não se encontra muito longe, nem nos é inacessível, mas está na desordem da realidade com todas as suas imperfeições, maldades, erros extremos e confusões funestas.

Para o portador de deficiência, deve-se repensar o plano de ação sobre temas ainda desafiantes relacionados à educação de Portadores de deficiências. Considerá-lo como “ser integral” na

maneira mais positiva e autêntica como cada um realmente se vê, o papel da família, da comunidade afetam diretamente na qualidade de vida dessa pessoa (TRUGILLO citado em QUEIROZ, 2005).

Então, como se pode integrar socialmente pessoas cuja imagem foi devolvida pelos demais como sendo essencialmente diferente? Propõe-se reverter essa percepção e analisar os mecanismos que, presentes no corpo social constroem esta ou aquela identidade. Um ser humano bem informado e consciente poderá construir um futuro melhor sempre.

O corpo não é um instrumento pelo qual o nosso ser íntimo tenta se exprimir, seu corpo é você mesmo se expressando. Ele é a expressão de valores sexuais, amorosos, estéticos ligados bem de perto às características da civilização a que pertencemos (DANTAS, 1994).

Desnaturalizar os estereótipos, perceber a beleza como uma questão histórica que faz parte de muitas das nossas vivências, e como tal precisa ser discutida e problematizada. Através desse empreendimento não apenas podemos desfazer mitos, desconstruir preconceitos, mas também pode oferecer novas possibilidades: a

convivência com a diferença é uma delas (OLIVEIRA citada em SCHPUN, 1999).

“Quando tomamos um homem como ele é, nós o fazemos pior, mas quando tomamos um homem como se ele já fosse o que ele deveria ser, nos o promovemos para o que ele pode ser”.

Goethe

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da boca para fora Vinicius de Moraes não titubeava: “As feias que me desculpem, mas beleza é fundamental”, porém são muito duvidosos os juízos sobre a beleza.

Quem nega que boas atitudes e traços positivos na personalidade, como o bom humor, por exemplo, fazem com que as pessoas sejam percebidas como mais bonitas, passando então a borrar as fronteiras entre os atributos estéticos e os de personalidade. Confundem nossos sentidos, nos permitindo perder essa objetividade no olhar.

Para um deficiente visual, por exemplo, sem conhecer a estética corporal padronizada de sua sociedade, a vivência e a experiência da beleza ocorre através de outras percepções estéticas, como o timbre da voz, o cheiro, a textura.

É onde começamos a descobrir então a beleza, pelos traços diferenciados de cada ser humano.

Vivemos em tempos onde a imagem nunca foi tão privilegiada, e a forma física é o principal meio comercial, porem não é imposto que sejamos reféns desses padrões dominantes da beleza.

Sendo estes padrões ligados diretamente sobre a identidade do ser humano, tanto para o homem quanto para a mulher o corpo é estereotipado, seja como uma máquina que conquista e vence, ou para atrair atenção e encantar os olhos.

Em meio a essa individualização crescente, criam-se pessoas mais isoladas e com menos trocas humanas. O julgamento pessoal se dá cada vez menos pelo que somos, e mais pelo que, à distância, parecemos ser.

Para pessoas portadoras de deficiência, mesmo podendo ser facilmente recebido na relação social, seu traço marcante desperta a atenção e não permite que outros de seus atributos sejam notados e este traço diferente esteticamente não é bem aceito pela maioria das pessoas.

O corpo deve passar uma imagem bem-sucedida, de capacitação para a vitória.

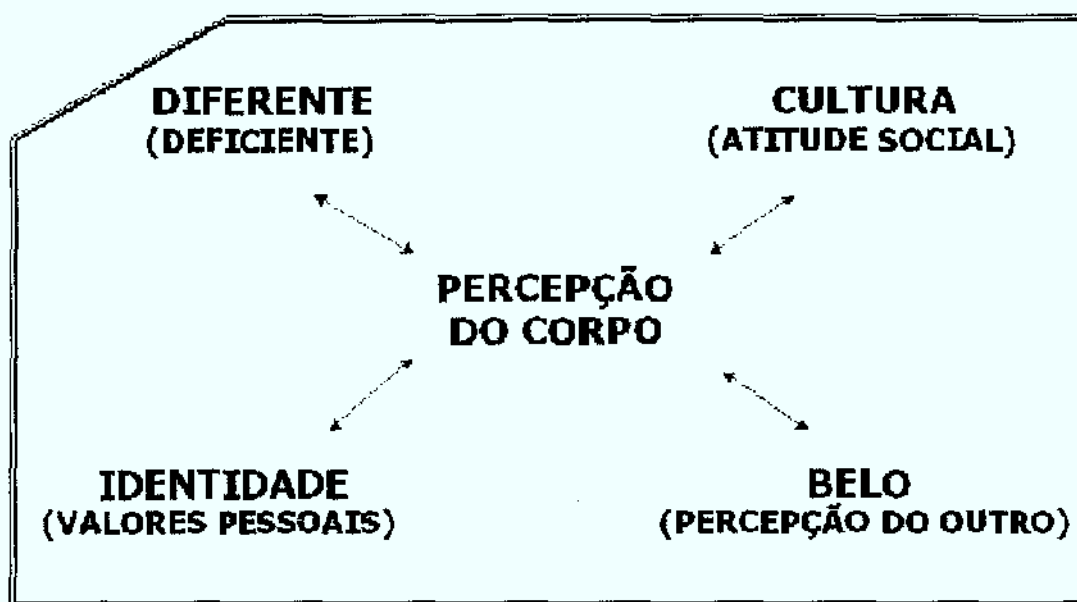
Nesse contexto, a estética se relaciona fortemente ao esporte em academias, a horas gastas em clínicas de estética, isto é, ao consumo de produtos que beneficiam a perfeição corporal, pois se pode dizer que a estética está para a superação do determinismo da natureza pessoal, assim como o esporte se torna um poderoso meio para a conquista desta estética ou aparência estética.

Porém já que a estética tem a ética e a moral como elementos de suporte, o jogo da estética no contexto do esporte, pode possibilitar o desenvolvimento dos indivíduos, "... numa estrutura de relações recíprocas e com a natureza, sua formação corporal e as próprias potencialidades, preparando-os para o lazer e o exercício crítico da cidadania" (TUBINO, 1996).

O esporte pode nos permitir arrancar da organização social, todo traço de animalidade e reafirmar justamente o oposto: a condição humana de qualquer pessoa (SANT'ANA, 1993).

Avaliando-se o que até aqui foi exposto, se pode concluir que processos culturais são em grande parte, os responsáveis pela definição de padrões estéticos e da própria beleza corporal.

É obvio que, constituindo intervenções da cultura sobre o corpo e por condicionarem a percepção que dele se tem, esses padrões, bem como a percepção de beleza corporal, sofrem variações conforme os diferentes contextos culturais que se sucedem ou coexistem no espaço.



Mas você realmente quer dicas de beleza? Olhe mais nos olhos, dê grandes abraços, sorria sempre...

Enfim, é fundamental perceber a existência de valores humanos, mais nobres em jogo. Resgatar a felicidade de ser quem você é e nesse ponto Vinicius de Moraes é incontestável: "É melhor ser alegre, que ser triste".

Bibliografia:

BERESFORD, H., **A Ética e a Moral através do Esporte**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994;

DANTAS, E. H. M. (Organizador), **Pensando o Corpo e o Movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1994;

DUARTE JUNIOR, J. F. **O que é beleza?** São Paulo: Brasiliense, 1986;

EAGLETON, T. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993;

ESTRADA, J. M. **Breve estética filosófica**. Ed.Clube de Leitores: s/d.;

ETCOFF, N. **A lei do mais Belo, a ciência da beleza**. [S.I.]: Objetiva, 1999;

GALARD, J., **A beleza do gesto, uma estética das condutas**. São Paulo: Edusp, 1997;

GLAT, R., **Somos iguais a você: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Agir, 1989;

GOFFMAN, E. **Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988;

HESSEN, J., **Filosofia dos Valores**, 5ª ed. Coimbra: Armênio Amado, 1980;

MERLEAU-PONTY, M., **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994;

MILLER, N. B., **Ninguém é perfeito, vivendo e crescendo com crianças que têm necessidades especiais**. Campinas, SP: Papirus, 1995; (Coleção educação especial);

NOVAES, J., **A Ginástica de Academia Brasileira Analisada Segundo os Postulados da Estética de Schiller, Vieira de Mello e**

Maffesoli. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998;

NOVAES, J., Estética: o corpo na academia. São Paulo: Shape, 2001;

OLIVIER, G. G., Imagens de Beleza: o dilema de Paris. Campinas, SP, 1999;

PAIM, A. Apresentação. In: **VIEIRA DE MELLO, M. Desenvolvimento e Cultura**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980;

PAULI, E., Introdução geral a pequena estética. Disponível em: www.simpozio.ufsc.br último acesso em 28 de janeiro de 2005, 21:20;

PERNIOLA, M., A estética do século XX. [S.l.]: Editorial Estampa, 1998;

PINHEIRO, D., GOULART, G., Estética e esporte. [S.l.] Disponível em: <http://pessoal.onda.com.br> último acesso em 28 de janeiro de 2005, 21:15;

QUEIROZ, M. A., Refletindo sobre a diferença; A diferença refletindo sobre nós. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em : www.bengalalegal.com último acesso em 28 de janeiro de 2005, 21:30;

QUEIROZ, M. A., Sopro no corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1986;

QUEIROZ, R. S. (organizador), O corpo do brasileiro, estudos de estética e beleza. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000;

ROHDEN, H., Filosofia da Arte: A Metafísica da Verdade na Estética da Beleza. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966;

SANTANA, D. B., Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1999;

SCHPUN, M. R., Beleza em jogo, cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: SENAC São Paulo, 1999;

SEVERINO, A. J., **Metodologia do trabalho científico**, 22^a ed, São Paulo: Cortez, 2002;

VARGAS, A. L., **A busca da Educação Física e do corpo**, São Paulo: Sprint, 1995;

Bibliografia de apoio

AMÉLIO, A., **O mapa do amor**. São Paulo, 2001;

BARROS, D. D., **Estudo da imagem corporal da mulher: corpo irreal/corpo ideal**. Campinas, SP: 2001;

BASTIDAS, C., **Outra beleza**. [S.I.]: Escuta, 1996;

BAYER, R. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995;

BENETTHON, L. G., **Temas para psicologia em saúde, a relação profissional-paciente**. São Paulo: [S.I.], 1994;

CARMO, A. A., **Deficiência Física: A sociedade brasileira cria, recupera e discrimina**. Brasília: Companhia Editora Gráfica Barbero, 1991;

FEITOSA, C., **Explicando a Filosofia com arte**, [S.I.]: Ediouro, 2004;

FREEDMAN, R., **Meu corpo... Meu espelho: aprendendo a conviver com seu corpo, a aceitar seu visual e a gostar cada vez mais de você**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994;

MORALES, A. M., **Mulheres deficientes sem limites para o amor**. Revista Claudia, São Paulo: Abril, junho de 1989. Disponível em: www.entreamigos.com.br último acesso em 28 de janeiro de 2005, 20:40;

NOGUEIRA, M., SAMPAIO, A., **Estética e esporte**. [S.I.], [199?]. Disponível em: <http://www.personaltraining.com.br/opiniao-conteudo.html> último acesso em 28 de janeiro de 2005; 21:00;

PAIVA, M. R., **Feliz Ano velho**, 1ª ed. São Paulo: ARX, 2003;

SCHLEGEL, R., **Não é o que você vê**. Revista Vida simples, São Paulo, edição de 19 de agosto de 2004;